



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JESEBEL MACHADO IRIGARAY

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Jesebel Machado Irigaray

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Academia da entrevistada

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 27.01.15

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação:

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Início na Dança; Recomendação médica; Escola de Bailados Clássicos de Antonia Seitz Petzhold; Professores visitantes; Alunas mestras; Casamento e residência no Rio de Janeiro; Imperial Balé de Petrópolis; Festival de Balé na Rússia; Retorno a Porto Alegre; Escola própria; Grupo Quarta Dimensão; Sobre professor João Luiz Rolla; Sobre o encerramento da Escola de Dança João Luiz Rolla; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 25 de janeiro de 2015. Entrevista com Jesebel Irigaray a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

J.I. – Jesebel Machado Irigaray.

M.C. – Qual tua data de nascimento?

J.I. – bailarinas não tem idade.

M.C. – Qual teu estado civil?

J.I. – Sou viúva.

M.C. – Qual tua formação profissional?

J.I. – Sou formada em Educação Física pela Universidade Gama Filho.

M.C. – Qual tua naturalidade?

J.I. – Eu nasci em Porto Alegre, mas com quinze para dezesseis anos casei e fui para o Rio de Janeiro.

M.C. – Gostaria que falasse sobre o teu início na dança.

J.I. – Eu comecei com a Tony¹ na escola da Tony. Eu estudei com ela o curso clássico.

M.C. – Lembras em que ano começou na Tony ou pelo menos teu ano de formatura?

¹ Antonia Seitz Petzhold.

J.I. – Não lembro. A nossa formatura consistia no seguinte: nós éramos examinadas pelos críticos de arte e os críticos de arte eram quem diziam que tu tinha aptidões ou não. Quem eles não falavam não era ninguém, não passavam de corifeus. E quem eles citavam como o caso da Nina Vertinina² que me citou a mim e citou outras colegas. Esses críticos eram Aldo Obino, o Paulo Antonio Moritz que me colocou na página 256 do Teatro São Pedro.

M.C. – E quem te levou para a dança?

J.I. – A asma. Eu era muito magra, muito feia, as pernas para dentro. Eu era um garrincha e eu fui para a dança por causa disto.

M.C. – Foi uma recomendação médica?

J.I. – Não. A minha mãe tinha vontade de ter uma filha bailarina. Era o sonho da minha mãe.

M.C. – Tu és filha única?

J.I. – Não. Somos oito. Éramos oito. Hoje somos quatro.

M.C. – Neste período que tu estudou na escola de Dona Tony tu fizeste aula só com ela?

J.I. – Não, ela sempre trazia professores. Veio Marcelo Miralles³, Elbio Consentino⁴ tinham vários professores que vinham a própria Tatiana Leskova⁵. Toda esta turma vinha na escola e nos observava. E elas logicamente, nas conversas, diziam aquela, aquela, era assim.

M.C. – Eu tenho o registro no livro da professora Morgada Cunha que tu destes aula na escola da Dona Tony.

² Bailarina russa, coreógrafa e maitre-de-ballet do corpo de baile e da Escola de Dança do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

³ Nome sujeito a confirmação.

⁴ Professor e coreógrafo argentino.

⁵ Tatiana Hélène Leskova, bailarina russa naturalizada brasileira.

J.I. – Sim, chamavam-se as alunas mestras. A aluna mestra era escolhida por ela. Ela era o nosso certificado. Era ela quem dizia se nós tínhamos chance ou não de seguir carreira e de ajuda-la no trabalho diário na escola. Ela era muito dura.

M.C. – Como ela era como professora tu lembra?

J.I. – Sim, sim eu lembro. Aliás, eu sempre gostei de professores duros. Eu nunca gostei de professor nhe-nhe-nhe. Pra mim professor nhe-nhe-nhe não existe. Eu estudei com ela, estudei como Varlamov⁶ na Rússia, estudei com Mika Kamberutch na Iouglávia, eu só estudei com professores que fossem rígidos para a gente ir pra frente. Professor nhe-nhe-nhe não me interessa.

M.C. – Quanto tempo tu fosse aluna mestra?

J.I. – Três ou quatro anos.

M.C. – Na escola da Dona Tony só ela dava aula nesta época?

J.I. – Ela escolhia os alunos que iriam dar aula.

M.C. – E além de ti quem mais era professor?

J.I. – O Antônio Abbot⁷ que está no Balé Stagium que até me citou. O Carlinhos⁸ que foi para Bahia, a Jane Blauth⁹. Era esse grupo. Eram escolhidos por ela. Ela chegava e dizia você vai tomar conta disso ou daquilo.

M.C. – Tu lembra da turma em que deste aula?

J.I. – Lembro, era uma turma de iniciante. Ela não jogava a gente no adiantado. A gente ia gradativamente.

⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁷ Bailarino.

⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁹ Bailarina.

M.C. – Tu tens algum espetáculo que fizeste com Dona Toni que te marcou?

J.I. – Eu gostei daqueles espetáculos em que o Aldo Obino¹⁰ me elogiou [riso]. Ele era um crítico de arte altamente competente. Quando ele tinha que meter o malho ele metia. Não era festival para papai e mamãe. Era uma coisa que nós éramos submetidos aos críticos de arte. Então era o Paulo Antônio¹¹ e ele. Eram os mais famosos. E depois tinha o Nequete¹². Então eles nos observavam.

M.C. – Tu me disse no começo da entrevista que saíste de Porto Alegre. Isto foi com quantos anos?

J.I. – Eu sai com quinze para dezesseis anos, então fui assistente da Tony com treze para quatorze. Depois eu casei e fui embora. Eu casei com um secretário de estado do Rio de Janeiro. Por quê? Porque eu dancei no Rio de Janeiro e o governador me viu. E ele, o Dr. Roberto Silveira, me deu uma viagem ao Rio de Janeiro. Ele me conheceu no Palácio Piratini.

M.C. – E porque tu foste dançar lá?

J.I. – Porque meu padrinho era o governador daqui, Leonel de Moura Brizola. Eu tinha um grupo que gostava muito de me ver dançar que era o Moisés Velinho¹³, o maestro Pablo Komlos¹⁴ e esse era o meu grupo que gostava de me ver dançar. Aderbal D'Avila um grande pianista, Natho Henn¹⁵ também pianista, compositor. Deixa eu ver quem mais Dr. Machado Vila¹⁶ enfim eu estou citando mais até posso esquecer de algum... Eu fui estudar no Rio de Janeiro. Eu casei e continuei os meus estudos.

M.C. – Com quem tu estudaste lá?

¹⁰ Critico de dança em Porto Alegre.

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Moyses de Moraes Vellino, escritor, jornalista e política brasileiro.

¹⁴ Maestro húngaro.

¹⁵ Nathalio Rodrigues Henn

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

J.I. – Eu estudei com a Tatiana Leskova¹⁷, com o Klaus Vianna¹⁸, com Mercedes Batista¹⁹ e fui pegando essa turma da pesada. Todos eram austeros e eu gostava de professores austeros.

M.C. – E tu participaste de algum grupo no Rio de Janeiro?

J.I. – No Rio tem uma diferença que eu acho maravilhoso, eu não sei se continua assim. No Rio de Janeiro não é espetáculo. Primeiro é técnica. Primeiro tu vai aprender para depois dançar. Então a mentalidade não é essa de querer aparecer, aparecer, aparecer é tu conquistar.

M.C. – Então tu estudaste bastante lá?

J.I. – Bastante, claro. E graças a Deus eu conquistei mesmo, foi muito bom.

M.C. – Com que grupo tu dançaste lá?

J.I. – Neste momento quem eu vou te dizer. Eu vou te citar as pessoas que falaram em mim Hector Zaraspe²⁰ diretor do corpo de baile do teatro municipal foi contratado, ele era um dos maiores coreógrafos do mundo. O Hector não queria espetáculo ele queria técnica. E o outro foi Oscar Araiz²¹ que fez Maria Maria. Eles gostaram do meu trabalho. No caso de dançar, dançar, dançar eu comecei a me dedicar mais a parte coreográfica, a parte técnica. Meu intuito era este. Portanto eu dediquei isto aos meus alunos e fui muito bem. Mariana Vidal minha aluna foi uma das intérpretes do Oscar Araiz. Mas a minha vontade não era mais dançar, era aprender para transmitir. Eu já tinha dançado muito tempo havia aquela coisa de ensaios e aquela coisa toda não batia com a minha vida porque meu falecido marido, Antônio Botelho, era político. Então tinha solenidades que ele tinha que ir no lugar

¹⁷ Bailarina.

¹⁸ Maestro.

¹⁹ Nome sujeito a confirmação.

²⁰ Professor de balé e coreografo argentino.

²¹ Coreografo argentino

do governador. Ele era secretário particular do governador. Então a minha vida era essa e eu comecei a estudar e me dedicar a essa parte. E me dei muito bem.

M.C. – Então me fala da tua escola.

J.I. – Bem, eu abri o Imperial Balé de Petrópolis. Eu morava em Petrópolis e sou cidadã Petropolitana. Quando eu fui para o Rio eu morei primeiro em Niterói depois eu fui para Petrópolis por que eu me identificava muito com Petrópolis. Eu fiz um trabalho para ganhar esse título porque não era assim para ganhar não. É tudo trabalho tudo tem que demonstrar. Eu fui condecorada eu tenho também esse aqui que eu chefei a delegação brasileira na Rússia. Conheci o maior crítico de arte do mundo Messieurs Antua Genawi²² que veio me visitar. Foi ele que me projetou na Rússia e eu digo projetar porque até blindada eu andei. Andei com batedores na frente.

M.C. – Então quando tu foste pra Rússia tu já morava no Rio?

J.I. – Sim já estava em Petrópolis há tempo. E eu levei várias alunas minhas para lá. Eu fui para o Festival Internacional de Balé e levei somente seis alunas minhas, pois a convidada era eu. E eu as levei. E lá eu conheci vários professores porque quando nós chegamos lá nós não fomos bem aceitas pelo nosso embaixador. Eu fui com Madeleine Rousev²³. E nossa bailarina brasileira tinha se saído muito mal no festival, então a bandeira tinha saído do mastro. Na frente do bolshoi tinham todas as bandeiras dos países que estavam participando. E a nossa bandeira saiu e identifiquei que a nossa saiu. Não sei se as outras também saíram só me liguei na minha. E eu fiquei muito chateada e disse que eu não iria. Se ele não estava nos esperando no aeroporto o que eu ia fazer na embaixada. Eu não ia. Elas foram e eu não fui. No dia seguinte estava marcado um passeio no Palácio do Conde Yussupov aquele que matou Rasputin barba vermelha. Eu fui muito a contragosto eu fui chateada porque eu não tinha ido à Rússia para fazer turismo. Eu tinha ido para estudar e aí eu estava olhando a casa do conde quando eu vi um homem baixinho com uma corcunda e com um olho só. E ele estava com uma tradutora conversava com ela e eu pensei comigo esse cara é importante vou até ele. Cheguei e me apresentei a ele. E ele ficou me olhando

²² Nome sujeito a confirmação

²³ Nome sujeito a confirmação

eu disse: “tu faz alguma coisa para mim porque tu deve ser importante.” E eu comecei a falar em português e ele começou a rir. Na hora de se despedir ele me passou pela mão o ingresso que eu tenho guardado do Teatro Bolshoi. Porque nós não tínhamos ingresso nenhum. E eu voltei era meio dia o balé na Rússia nesses concursos começa desde cedo e eu olhei meu ingresso e dei o meu ingresso na entrada. Imagina que eu sentava do lado do crítico de arte do Jornal Pravda só tinham os jornais, pois os maiores bailarinos da Rússia estavam ali. E tava no meio daquela turma e foi maravilhoso porque ali eu conheci a Galina Ulanova²⁴ e a Maia Plissetskaia²⁵ também estava lá. E eu vi que o homem era mais importante do que eu imaginava porque tinha um cordão de isolamento nas bailarinas e nele e a guarda vermelha estava toda isolando. E quando eu vi a Galina eu me joguei nos pés dela porque era a mulher que com oito anos eu tinha falado para minha mãe como eu te falei eu era uma menina raquitica que disse que um dia ia conhecer a Galina e o nosso amigo lá em cima ouviu e me levou até lá. E aí eles me levaram para o camarim e lá estava Alicia Alonso²⁶, Natalia Dudinskaya²⁷ tava toda turma e eu fiz amizade com essa gente toda. E aquele homem com quem eu falei era nada mais nada menos que o presidente do júri do Bolshoi. Ele era o homem mais importante na época e aí ele me abriu as portas da Rússia. Ele disse tu queres assistir às aulas? Eu disse sim eu vim para isso. Esteja amanhã às sete horas na porta doze do bolshoi. Às cinco horas eu estava parada lá por que sempre dizem que o brasileiro não tem horário. Eu entrei lá e conheci vários bailarinos. E encontrei o Zaraspa lá e eu disse: “pois é professor Zaraspa...” E tinha a homenagem dos bailarinos aos professores e aos mestres que lá estavam e eu me lembro como se fosse hoje que veio um grupo de doze bailarinos eles efetuavam uma tríplice ajoelhavam e beijavam o peito do pé da bailarina. E beijaram o meu e eu falei não vou lavar mais esse pé [riso]. Então eu comecei a assistir as aulas todas, desmontei todo o meu quarto do hotel e fiz das cadeiras barras. E as bailarinas iam lá dar aula à noite. Eu não fui lá pra brincar eu fui para estudar. Eu desmanchei o quarto todo e botei as minhas alunas trabalhando junto. E eu dizia: “eu quero saber o segredo deste passo! como é que faz?” E elas começaram a me dar as dicas e eu comecei a tomar nota e foi assim. Então voltei para o Brasil e Missie Antonie²⁸ veio me visitar um ano depois. E aí eu comecei a despejar alunas para Maria

²⁴ Bailarina russa.

²⁵ Bailarina russa.

²⁶ Alicia Ernestina de la Caridad del Cobre Martínez del Hoyo, bailarina e coreografa cubana.

²⁷ Bailarina russa.

²⁸ Nome sujeito a confirmação.

Olenewa²⁹ para Tatiana todas elas todas elas primeiríssimas e foi assim a minha vida e aqui em Porto Alegre eu fiz o Quarta Dimensão.

M.C. – Em Petrópolis quanto tempo funcionou tua escola?

J.I. – Quinze anos. Eu sou amada em Petrópolis, eu sou muito amada mesmo. Eu te digo mais, eu estive agora no Rio há umas três semanas atrás e pediram para eu voltar. Mas o pessoal daqui tem um treco se souber.

M.C. – E depois destes quinze anos de escola na sequência tu voltou para Porto Alegre?

J.I. – Não. Eu voltei para Porto Alegre porque eu perdi dois irmãos de uma hora para outra e minha mãe passou muito mal. Para nós foi a primeira morte da família porque foi o meu pai e depois foram os meus dois irmãos. Foi uma sequência e aí só restamos quatro.

M.C. – Qual o nome do teus pais?

J.I. – José Athos Irigaray e Rosalina Machado Irigaray. A minha mãe foi minha maior incentivadora ela e minha irmã cota, Maria Jicéa Irigaray. A Maria foi a maior bailarina do mundo, ela e minha mãe. Minha mãe roubava dinheiro do meu pai para comprar minhas fantasias. Então eu vim a Porto Alegre para visitar a minha mãe. Eu não queria ficar em Porto Alegre. Porto Alegre não era minha praia. Eu já era viúva e vim visitar a minha mãe, mas porque ela estava doente. Não era o mal de Parkinson, mas foi uma alta defesa, como disse o neurologista dela, ela começou a balançar a cabeça ela não conseguia equilibrar. Porque a morte foi uma coisa muito trágica para ela. Ela perdeu três figuras assim diferentes. Foi uma coisa bárbara. Então eu vim para ficar vinte e quatro horas e aí começou a cobrança dos meus irmãos: “Mamãe vai morrer! Não pode isso!” E é bem coisa do sul não é? “Fica, fica!” Aí eu fiquei uma semana. Como eu fui delegada oficial da Associação de Dança de Porto Alegre eu mandava dinheiro para Eva Landes³⁰ que era, na época, da Associação de dança daqui que tinha o Grupo Terra... o diretor do Grupo Terra me conhecia gostava muito de mim. E agora não estou lembrando o nome dele. Até este grupo depois se dissolveu. Eu sei que aí começou uma pressão. E aí eu fui na Dona Eva

²⁹ Bailarina russa, fundadora da primeira escola de dança do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro.

³⁰ Nome sujeito a confirmação.

Landes e me ofereci para eu dar aula durante vinte dias e depois ir embora só para tapear minha mãe. E ela disse que ia ver, mas aí ela sofreu uma pressão aqui no sul: “Jesebel Irigaray vem pra cá! Vai dar problema! Vai tirar aluno!” Isso existia na época essa rivalidade de professores. Claro que deve existir ainda. Aí não atava e nem desatava eu fiquei com raiva e um dia eu vi um anúncio vendendo essa academia aqui. Eu vim e comprei. E aí fui ao Rio e disse: “olha eu estou dando uma guinada e estou indo embora.” Eles levaram um choque. Eu expliquei que tinha o problema da minha mãe e eu vim pra cá e estou aqui faz trinta e dois anos. Mas não descarto o Rio de Janeiro da minha vida. Depois morreu aqui a... como era o nome da professora... esqueci... e me chamaram para dar aula na academia dela, mas eu não fui porque daí eu já tinha comprado aqui. Eu fui trabalhando aqui e montei o grupo Quarta Dimensão e nós tiramos todos os prêmios.

M.C. – Então eu gostaria que tu falasses deste teu grupo.

J.I. – O Quarta Dimensão era o meu grupo dança de estilo clássico só que sem Romeu e Julieta antigo, sem Lago dos Cisnes porque essa não era a nossa verdade. A nossa verdade era Maria do Morro e o jogo, o Tião. Então eu fiz no Quarta Dimensão eu fiz um trabalho que eu peguei as músicas de Chico Buarque de Holanda eu fiz a construção e o funeral do lavrador e levei e tirei o hors concours em Montenegro. Então ganhei esse prêmio.

M.C. – Onde aconteciam os ensaios do grupo?

J.I. – Nós ensaiávamos sempre aqui na academia. Nós ensaiávamos de madrugada até as três, quatro horas da manhã todos os dias. Cansei de dormir ali no canto.

M.C. – Quanto tempo durou o grupo?

J.I. – Durou até o momento que eu fui na Casa Mário Quintana no Terpsi e a diretora do Terpsi me disse... Porque eu fui reclamar que os convites chegavam para concurso para mim, para participação de uma coisa ou de outra, chegavam dois três meses depois. Então já tinha passado o festival. E ela me disse: “o problema é a tua etiqueta tu ganha sempre.” A diretora do Terpsi disse isso... teve um aluno meu que queria até matar ela. Mas o quarta dimensão durou dois anos e meio. Por quê? Porque aí começou a chegar a gente para mim,

pais de alunos e dizer: “minha filha é muito bonita ela tinha que estar na frente.” E eu dizia frente por quê? Porque era sobrinha da fulana de tal. Mas isso não me diz nada. Eu tenho até, não vou dizer o nome, é uma pessoa bem fluente aqui nesse bairro, judia, e os pais vieram aqui e me disseram: “quanto é que você quer para ela ser a solista?” Eu disse: “ não quero nada, mas só que ela não vai ser solista porque não tem condições.” É uma grande amiga minha e mora nos Estados Unidos e hoje ela sabe que eu fiz certo. E eu comecei a encher o saco porque se o negócio era aparecer coloquem uma melancia no pescoço e deu. Hoje me dedico ao meu trabalho que estudei na Alemanha que é artrose e artrite, coluna. Esta é a minha área. Então eu atendo médicos, advogados...

M.C. – Tu estudaste na Alemanha?

J.I. – Sim.

M.C. – Foi no período após a vinda para Porto Alegre?

J.I. – Sim.

M.C. – Tu podes me dizer onde?

J.I. – Em Berlim. Foi a minha área que eu me dediquei. A érnica de disco e essa coisa toda. Então eu fiz um trabalho com gravidez de alto risco esta é minha área que eu gosto.

M.C. - Tu fizeste graduação onde Jesebel?

J.I. – Lá no Rio na Gama Filho.

[a entrevistada manuseia e mostra fotos de alunas grávidas em aulas na sua academia]

M.C. – Esta é a chefe da patologia do Clinicas. Ela já tinha perdido seis filhos e o nenê dela já está com dezoito anos, Dra. Marceli³¹. Ela fez aula o tempo todo comigo. Na época

³¹ Nome sujeito a confirmação.

que ela fez aula comigo ela tinha que ir a São Paulo para introduzir uma agulha para saber se a criança estava bem.

M.C. – E qual é tua formação?

J.I. – Educação Física. E fiz outros cursos também. Porque tu saindo de uma faculdade tu não sabe nada, me desculpa eu te dizer isso. Eu estou fazendo um trabalho novo que se faz na Índia onde estou trabalhando com um garoto de rua. E esses garotos estão se mostrando através do exercício fenomenais. E eu tenho um menino que eu estou tratando que é filho do Eugênio³² que é da UFRGS, da biblioteca. O menino tu chora com o que ele faz.

M.C. – Esse teu trabalho começou aqui em Porto Alegre depois do Grupo Quarta Dimensão?

J.I. – Sim, sim. Eu me dediquei totalmente a isto. Não trabalhei mais com dança ou com balé clássico. A não ser com o trabalho que eu fiz que me chamaram para terceira idade, eu não gosto de falar isto, com senhoras de mais idade no Colégio Júlio de Castilhos e eu tirei todos os prêmios com elas. Todos, todos. Fomos a um Festival Internacional em Santa Maria e elas foram examinadas por um júri que era do Peru, da Bolívia, da Argentina. E eu fiz O amor num outro patamar.

M.C. – E hoje tu ainda dá aula?

J.I. – Claro! Vou morrer dando aula!

M.C. – Então me conta que aulas tu ministra hoje?

J.I. – Eu tenho grávidas, eu tenho pessoas com problemas sérios de coluna, hérnia de disco, faça emagrecimento rápido sem remédios.

[a entrevistada agora manuseia alguns documentos]

³² Nome sujeito a confirmação

J.I. – Eu há quatro anos e meio atrás tive câncer. Mas como o câncer pra mim é uma gripe que a gente tem que curar, eu não faltei nem um dia de trabalho vinha dar aula sempre. Estes documentos são de pessoas que tinham problemas muito, muito graves.

[a entrevistada pede que eu leia um que trata-se de um agradecimento pela cura de uma doença grave]

J.I. – E agora tive um convite para fazer a ponte aérea ir quinta feira à noite para o Rio e voltar segunda feira. E agora depende do Dr. Prola³³ para dizer se eu posso ir. Eu tive câncer no intestino.

M.C. – E tu podes me dizer para onde é este convite?

J.I. - Para dar aula em Petrópolis em vários lugares que estão me chamando lá. O pessoal gosta muito de mim.

M.C. – Tu tens alguns certificados nas paredes da tua academia...

J.I. – Sim... Aqui tem o titulo de personalidade do ano que eu tirei por vinte vezes do Jornal o Globo do Rio de Janeiro. Tenho o de Personalidade Petropolitana de 09 de novembro de 2007 na vigésima quinta edição. Tenho dois certificados da Dona Toni um de danças de 1960 e outros de aperfeiçoamento em danças. Eu dei aula também na Abrarte em Montenegro. Entre tantos outros...

M.C. – Bem nós já estamos encerrando eu tenho uma pergunta para te fazer eu gostaria de saber a tua versão de uma história. Eu tenho feito algumas pesquisas sobre a dança em Porto Alegre, pois são vários os bailarinos que compõem a nossa história aqui e eu gostaria de saber se tu tens alguma coisa para me falar sobre João Luiz Rolla. Tu chegaste a ter algum contato com ele na época em que ele tinha escola?

³³ Nome sujeito a confirmação.

J.I. – Sim, ele foi o meu primeiro professor. Mas ele me achava muito feia. Aí foi bom porque ele disse que eu era um pau de virar tripa e de repente eu me tornei uma grande bailarina e aí ele baixou a cabeça. Eu evito de falar.

M.C. – Certo. Tu sabes que a Escola dele era no Araujo Viana?

J.I. – Foi a minha irmã que colocou ele lá, ela era secretária da educação.

M.C. – Qual o nome dela?

J.I. – Teresinha Irigaray. Ela foi esposa do prefeito Sereno Chaise³⁴.

M.C. – E ela que colocou ele lá?

J.I. – Parece que sim. Eu não morava mais aqui.

M.C. – O que temos de informação é que quando tiraram ele do Araujo Viana era para colocar alguma outra professora lá.

J.I. – Pois é, isto aí foi uma coisa que me chocou profundamente. Por ela ser Secretária da Educação, aliás, eu não lembro se foi ela que colocou ele lá. *Mas quem tirou ele foi ela!* E todo mundo foi dizer que era para me colocar lá, mas eu não precisava disso eu tinha a minha escola.

M.C. – Tu já tinhas aqui a tua escola?

J.I. – Já, eu não precisava disto.

M.C. – Mas o motivo por que tiraram ele de lá tu não tens ideia?

J.I. – Porque ele não pagava o auditório. Ele ganhava, mas não pagava. Era uma coisa feita assim... coisas de Brasil sabe? Então ele ganhava dinheiro, mas não pagava aluguel, nem

³⁴ Advogado e político brasileiro.

nada. Então era uma coisa que a minha irmã na época achou que deveria pagar um tanto, não era viver assim na... porque tu tem um ônus para pagar. Eu tenho que pagar a luz, eu tenho que pagar isso, aquilo, agora tu ter tudo gratuitamente é difícil não é? Era uma coisa que era do governo. E aí disseram que era pra mim.

M.C. – Chegaram a dizer isso?

J.I. – Sim, sim e eu fui muito pressionada por isso. E uma vez fizeram uma exposição que a pobre da minha irmã adoeceu por causa disso. Fizeram uma exposição aí um grupo, até umas ex-colegas minhas infelizmente, que botaram o nome de todas menos o meu. E a minha irmã olhando a exposição perguntou: “e o nome da Jesebel não está por quê?” E eles responderam: “porque ela já é morta há tempo.”

M.C. – Mas era uma exposição sobre o que?

J.I. – Dos bailarinos de Porto Alegre que marcaram época. Então essas coisas a gente fica um pouco triste, mas já passou. Agora com o negócio da retirada do Rolla era muito, muito chato. Me ligavam para casa da minha mãe o dia inteiro.

M.C. – E no fim não era pra ti?

J.I. – Não, em absoluto. Nunca sonhei em dar aula lá. Não era minha praia, sabe?

M.C. – Interessante eu acreditava que nesta época Neuza Canabarro era a secretaria da educação.

J.I. – A Teresinha foi após a Neusa Canabarro que era casada com Collares³⁵. Ou era antes não sei não estou preocupada com isto.

M.C. – Estamos chegando ao término da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para o teu registro final.

³⁵ Alceu de Deus Collares, político brasileiro.

J.I. – A dança é o ar que eu respiro. Só que é uma profissão muito árdua não se pode confundir a dança com uma brincadeira onde está a brincadeira eu estou fora como disse Maurice Béjart. Pra mim a dança é um rito humano, religioso, uma coisa muito séria, não é brincadeira não. Isso é a dança pra mim. Eu espero que seja para os que estudam dança também é o que mais almejo. Brincadeira nunca.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]